

# Park Way está sendo devastado

DF - invasão

*Desmatamentos, queimadas, depósito ilegal de entulho são constantes na área, próxima à margem de córregos*

Encravado em parte da Área de Proteção Ambiental (APA) do Gama e Cabeça de Veados, o Setor de Mansões do Park Way (SMPW) convive com inúmeros problemas ambientais. São desmatamentos de áreas de proteção permanente às margens dos córregos; construções em lugares proibidos; invasões de áreas públicas; queimadas do cerrado; represamento de curtos d'água; depósito ilegais de lixo e entulho.

Os problemas estão à vista de todos. Na quadra 14, enorme área pública sem fins definidos — localizada atrás do desativado posto da Polícia Militar — foi desmatada, quantidades absurdas de terra foram retiradas e o local virou um depósito mais que irregular de lixo e entulho.

"Essa área tem aproximadamente cinco hectares (50 mil m<sup>2</sup>). E pelo menos um volume de 1,5 m de terra foi retirado em toda a sua extensão", constata o engenheiro florestal André Luís Moura, chefe do Departamento de Proteção Ambiental (DPA) da Secretaria de Meio Ambiente (Sematec).

Enquanto passeia pela área, ele vai identificando jacarandás do cerrado e jatobás derrubados.

Nas pistas que dão acesso às quadras internas, caminhões de terra, cascalho e adubo oferecem esse material tirado de forma ilegal



do setor. "No ano passado foram encontradas quatro armas com esses caminhoneiros", conta Wandir de Oliveira Ferreira, presidente da Associação de Proprietários de Lotes do Park Way.

A retirada da vegetação deixa a

terra nua. "Com as chuvas, a terra fica compactada, a água não consegue mais se infiltrar e a enxurrada vai carreando essas terras para os córregos e daí para o Lago Paranoá", explica André Luís. O que resulta em assoreamento, diminuição da profundidade dos córregos e alagamento das áreas vizinhas.

As enxurradas levam as terras em grandes sulcos, o início do processo de erosão. E se há menor infiltração de água no solo, os lençóis subterrâneos não são realimentados, o que diminui o fluxo de águas nas nascentes. "Por ano, cada metro quadrado no DF recebe cerca de 1.200 litros por ano", lembra o técnico da Sematec. São 12 milhões de litros a lavar cada hectare desmatado.

Na natureza, todos os processos estão interligados e as consequências nefastas são em cadeia. Erosões de até 13 m de profundidade foram recuperadas recentemente no Setor Placa das Mercedes (próximo à quadra 3 do SMPW) a um custo de R\$ 1 milhão, segundo a Administração do Núcleo Bandeirante.

Moradores reclamam que trechos inteiros do Park Way viraram depósitos de lixo e entulho. "O problema é que são os próprios moradores que fazem isso.

"ELE ME AMEAÇOU  
QUEIMAR VIVA  
DENTRO DO MEU  
CARRO"

Dulce dos Santos  
que reclama área pública

"HÁ DOIS MESES,  
ELA QUEIMOU E  
DESMATOU  
A ÁREA"

Gualberto Nunes  
que reclama a mesma área



Degradam o meio ambiente e ao mesmo tempo cobram providências para a sua preservação", afirma o engenheiro florestal da Sematec. Os exploradores de terra e cascalho, cujo fregueses são os próprios moradores do Park Way, geralmente agem à noite ou durante o fim de semana, o que é um agravante, de acordo com a nova lei de crimes ambientais.

E o poder público não tem muito como agir. Faltam pessoal técnico e equipamentos para dar conta de todos os processos. O Instituto de Ecologia e Meio Ambiente conta com apenas um carro e quatro fiscais para apurar as 450 denúncias atuais sómente sobre exploração mineral — retirada de cascalho e terra, dois dos problemas mais frequentes no SMPW.

"Remanejamos fiscais que es-

tavam em áreas diferentes e aumentamos para 18 o nosso quadro de fiscalização", diz o secretário Antônio Barbosa, desmentindo assessores da Diretoria de Fiscalização que afirmam só haver 11 fiscais em atividade na secretaria.

No Núcleo Rural da Vargem Bonita, que também está encravado num pequeno trecho do Park Way, o técnico da Sematec chama a atenção para a irrigação em horário errado, próximo ao meio-dia, quando a evaporação é maior. "Além disso, o uso inadequado de fertilizantes e defensivos químicos faz a chuva levá-los pelas chuvas para os córregos e Lago", diz ele. Essa área responde por quase 40% das hortaliças consumidas pelo DF.

No conjunto 9 da quadra 15, os vizinhos dos lotes 7 e 8 lutam

na Justiça pela posse de uma área pública de 100 mil m<sup>2</sup>, que pertence à Fundação Zoobotânica. No lote de número 8, o morador Gualberto Nunes (o Beto da dupla sertaneja Beto e Braga) teve a construção de uma casa embargada no início de 1995. Ele represou o córrego que passa nos fundos, o que é irregular. "Fiz isso por sugestão da fiscal Sandra da Sematec, para regularizar a água que ia para a minha vizinha", diz ele.

Ninguém confirma a história na Sematec. "O represamento é irregular, houve desmatamento no local e construção irregular em área de preservação permanente. Ele será autuado", diz André Luís, chefe da Proteção Ambiental.

"Chamei a polícia várias vezes aqui por que ele me ameaçou de morte e invadiu a área", diz a vizinha do lote 8, a aposentada Dulce dos Santos, que é proprietária legal do lote em que mora, mas reclama a área pública vizinha. Os dois se afirmam produtores rurais, mas não há produção visível no lugar. Esperam a concessão de uso da terra por 50 anos, dada pela Fundação Zoobotânica. Resta à Justiça se pronunciar sobre o assunto. É a velha história da terra pública no Distrito Federal.